

COMUNICAÇÃO



Pelo segundo mês consecutivo Bolsonaro é retratado como responsável pela devastação ambiental. Esta seção analisa a repercussão do vazamento de óleo que se espalha pelas praias do Nordeste como um dos principais temas que renderam críticas ao governo Bolsonaro na imprensa tradicional brasileira e provocaram engajamento nas redes sociais. E também dá um panorama das notícias sobre o Brasil na imprensa mundial.

Vazamento de óleo gera enorme engajamento nas redes sociais

O tema vazamento de óleo provocou um enorme engajamento nas redes sociais online. Sozinho, foi responsável por mais de vinte mil artigos em blogs e sites de notícias no último mês, gerando mais de onze milhões de compartilhamentos. O pico de publicações ocorre no dia 25 de outubro, com 1.6 milhão de compartilhamentos em apenas um dia.

Na cobertura sobre o tema se destacaram os mais variados portais, dentre eles Uol, G1, *Carta Capital*, *Folha de São Paulo*, *O Globo*, BBC, DCM, *Estadão* e *El País*. Entre as notícias únicas com maior volume de compartilhamentos estão “Foto de menino coberto de óleo viraliza e traduz a tragédia do litoral

nordestino” (*Carta Capital*, 376 mil compartilhamentos), Óleo vaza há cinquenta dias, e Bolsonaro não tem noção de sua função, diz senador (Uol, 262 mil compartilhamentos), Esquerda cala sobre óleo no mar (*Estadão*, 182 mil compartilhamentos), Em protesto, Bahia utilizará uniforme sujo de óleo no Brasileirão (*Carta Capital*, 156 mil compartilhamentos), Golfinho é primeiro mamífero atingido por óleo a surgir morto em praia de Alagoas (UOL, 150 mil compartilhamentos) e governo Bolsonaro extinguiu comitês do plano de ação de incidentes com óleo (Uol, 144 mil compartilhamentos).

No Facebook o engajamento tem o mesmo impac-

to: mais de quarenta mil publicações em páginas públicas, com catorze milhões de interações nessas publicações. O pico de ocorrências se dá no mesmo dia 25, com mais de 1,3 milhão de interações. Entre as publicações de destaque, aqui Bolsonaro assume um papel central na defesa de seu governo e na linha de defesa bolsonarista: é dele que partem as três principais publicações sobre o tema, atacando ONGs e dizendo que está fazendo o possível para investigar o vazamento. Já entre os ataques à Bolsonaro e à ineficiência do governo federal, destaque para imagens que explorem a mobilização popular em defesa do meio ambiente e na remoção do conteúdo vazado das praias.

Em suma, o debate nas redes pode ser sintetizado no combate entre os ataques a ONGs e ao que a rede bolsonarista define como “o silêncio da esquerda”, enquanto a rede de esquerda/progressista mescla a cobrança frente à ineficiência do governo federal e as ações populares em defesa das praias do Nordeste. Observa-se o papel essencial de clubes de futebol na amplificação do tema, com destaque para o Bahia e sua campanha que culminou em um uniforme personalizado que pautou o tema: “Vazou... também na camisa do Esquadrão. Por medidas de redução do impacto ambiental e pela punição aos responsáveis, nossas camisas estarão manchadas de óleo no jogo de amanhã - como as praias do Nordeste”.

Devastação ambiental na imprensa brasileira

A devastação ambiental promovida pelo governo Bolsonaro, particularmente com o óleo derramado que atinge as praias do Nordeste, foi um dos principais assuntos que renderam desgaste, de acordo com a análise dos editoriais dos três principais grupos da imprensa tradicional brasileira. Eles criticam a demora do governo em reagir e a falta de transparência para lidar com a apuração dos responsáveis pelo crime.

A *Folha de S.Paulo* publicou já no dia 12 o texto “Óleo nas praias”, no qual afirma que embora o Ibama já atuasse desde o aparecimento das primeiras manchas, apenas no dia 5 de outubro, mais de um mês após os primeiros registros, o presidente Jair Bolsonaro (PSL) determinou que a Polícia Federal, a Ma-

rinha e o Ministério do Meio Ambiente iniciassem a apuração das causas e das responsabilidades pelo derramamento.

No dia 28 mais um espaço editorial foi dedicado ao tema, com o texto “Óleo sobre o fogo”, no qual o jornal retoma o assunto das queimadas. “O petróleo derramado em 233 praias de todo o Nordeste como que obliterou o desastre anterior, com as queimadas e o desmatamento que lhes dá origem. Deixar as manchetes, porém, não significa que o governo de Jair Bolsonaro (PSL) tenha controlado a devastação.” O texto critica o argumento utilizado por Bolsonaro de que as queimadas ocorrem todo ano, são práticas indígenas e não têm relação com o desmatamento. “Não é verdade: queimam-se pastagens que um dia foram floresta, e um aumento significativo de focos indica o uso do fogo para limpar resíduos em áreas recém-derrubadas.” E conclui que, com o habitual diversionismo, o governo que já havia acusado as ONGs pelas queimadas insinua agora um complô da Venezuela.

O *Globo* foi na mesma linha no texto publicado no dia 16 de outubro, “Manchas de óleo no Nordeste expõem vulnerabilidade da costa”, que destaca que as manchas de óleo começaram a aparecer em praias do Nordeste em 2 de setembro, porém, a despeito disso, “o governo federal só despertou para o desastre ambiental um mês depois”. “Certo mesmo é que a resposta do governo foi demasiadamente lenta, não só para se dar conta da gravidade do fato, como também para adotar, de forma coordenada com os estados, medidas de contenção de danos. Deveria haver protocolos para situações como essa. Se existem, teriam de ser colocados em prática, com a necessária rapidez”, conclui.

No *Estado*, o editorial “Águas turvas”, publicado em 23 de outubro, destaca que “a mancha de óleo se espalhou pelo litoral do Nordeste também como consequência da dificuldade do atual governo de tratar deste ou de qualquer outro tema de forma realista, preferindo quase sempre atribuir os problemas a criativas conspirações”. E afirma que Bolsonaro e o Ministério do Meio Ambiente agiram tardiamente e de forma atabalhoada. “Enquanto o governo parece mais empenhado em implicar a ditadura venezuelana no caso, o óleo se espalha.”

Crise no Chile - De acordo com o *Manchetômetro*, a onda de protestos que ocorre no Chile foi tema presente nos editoriais dos três principais grupos da imprensa brasileira em outubro. Todos traçaram comparações entre o que ocorre no país andino e os protestos de 2013 no Brasil. A *Folha* destaca as reformas liberais chilenas como um caso de sucesso. O *Globo* descreve a tensão nas ruas do Chile, mas descola a revolta da população das reformas e medidas de austeridade econômica do governo de centro-direita, argumentando que a razão para o quadro atual é a “má qualidade dos serviços públicos”. E defende o governo Piñera dizendo que são “inegáveis os avanços chilenos”, embora a renda tenha ficado mais concentrada. Já o *Estadão* aborda a questão concluindo que lá, como aqui, há desigualdade misturando pobreza e alta taxa de desemprego. O jornal destaca, ainda, o risco de o Brasil passar por caos semelhante caso não atente para esse quadro.

O Brasil na imprensa estrangeira

O noticiário dos jornais estrangeiros sobre o Brasil não acompanha os principais fatos da política nacional. No início de outubro, por exemplo, as mensagens trocadas entre os integrantes da força tarefa da Lava Jato que foram vazadas pela série de reportagens Vaza Jato, capitaneada pelo site The Intercept, eram um dos principais assuntos tratados pelos jornais brasileiros, mas nada foi publicado fora do Brasil.

O mais próximo deste tema foi uma reportagem do *Financial Times* de 4 de outubro. O jornal afirmou que a militância política em defesa do ex-presidente Lula se mantinha no Brasil governado por Jair Bolsonaro. O veículo voltado para o mercado tratou essa militância como se fosse um culto e sugeriu que Lula seja uma figura polarizadora no país. De um lado, aqueles que o defendem e, do outro, os que o veem como a representação do Estado corrupto.

Apesar da abordagem pouco amigável, o *Financial Times* reconheceu que o processo contra o ex-presidente tem uma série de erros jurídicos e que as suspeitas aumentaram após Sergio Moro ter assumido um ministério no atual governo. O *FT* considerou que aumentam as sugestões sobre um con-

luio da direita para prender Luiz Inácio Lula da Silva.

A reportagem conclui que o movimento permanente pela liberdade de Lula está produzindo efeitos e que é cada vez mais provável que ele seja libertado. O que resta saber, de acordo com o jornal, é se o ex-presidente terá capacidade de construir uma nova aliança política ao seu redor. No entanto, o texto afirma que mesmo de dentro da cadeia Lula é capaz de tornar viável alguma proposta que tenha chance real de concorrer contra Jair Bolsonaro.

A publicação do *Financial Times* indica que as revelações feitas pelo The Intercept já foram suficientes para convencer a comunidade internacional de que Sergio Moro e a Lava Jato promoveram uma perseguição política, que não eram o que diziam ser. Outra evidência para essa conclusão é o fato de a imprensa estrangeira não estar acompanhando as últimas revelações feitas pelo Intercept. Isso quer dizer que as novas informações já não produzem novidades, que está clara a existência de erros no processo tal como foi publicado em meses anteriores no mundo todo.

Ao longo do mês de outubro, poucas reportagens foram publicadas sobre o Brasil. A maior parte tratava de questões ambientais, como o acompanhamento da situação na região amazônica e a mais recente emergência ambiental brasileira, como foi tratada pelo *New York Times*, o vazamento de óleo em praias do Nordeste.

Sobre o drama ambiental brasileiro, o jornal inglês *The Guardian* é um dos mais críticos à atuação do governo brasileiro. Reportagem publicada no dia 22 de outubro, sobre o aparecimento de óleo em praias do Nordeste, o jornal aponta que Jair Bolsonaro tenta elencar inimigos que poderiam ser os responsáveis pelo desastre ambiental, mas que esta é uma estratégia retórica para tentar esconder a ineficácia do seu próprio governo. O cientista político e professor da USP, José Álvaro Moisés, declarou que o “governo é contra a defesa do meio ambiente”.

Em 18 de outubro, o estadunidense *New York Times* publicou um artigo sobre a atuação da China no drama amazônico. O texto assinado pelo jornalista brasileiro Heriberto Araújo, que está produzindo um livro sobre a violência na Amazônia, afirma que diferente da comunidade internacional que adotou

uma postura crítica, os chineses preferiram o silêncio. Porém, ele considera a China uma das principais defensoras de ações contra o aquecimento global e o desmatamento de florestas e que o país asiático deve usar seu poder para tentar brejar o avanço do desmatamento na Amazônia.

O Brasil também foi alvo de algumas reportagens em função da agenda econômica brasileira. Analistas estrangeiros consideraram que pouca coisa mudou desde que Jair Bolsonaro tomou posse, que a agenda de reformas avançou muito pouco e que isso não permite saber qual será, de fato, o caminho que o Brasil vai tomar.

Esse tipo de análise aparece em textos publicados no site da Al Jazeera, do *Financial Times*, *Le Monde* e também em reportagens feitas por agências de notícias internacionais. Entre as fontes ligadas ao mercado que foram ouvidas, aparece ainda um certo receio com relação a Paulo Guedes porque ele poderia abandonar o governo a qualquer momento.

Mais interessantes foram as menções feitas ao Brasil em textos de opinião que falavam da ascensão de governos autoritários. No *New York Times*, um artigo aponta que governantes como Jair Bolsonaro têm trabalhado para “caçar” livros que apresentam ideias diferentes das que são adotadas por esses líderes. O objetivo seria tentar esconder as limitações cada vez mais evidentes destes governos. O artigo é assinado por Duncan White, professor de História e Literatura em Harvard.

O jornal novaiorquino também publicou texto sobre como a pós-verdade afeta países do Hemisfério Sul. A autora foi Laura Chinchilla, ex-presidenta da Costa Rica. Ela aponta que as novas tecnologias, antes consideradas ferramentas de um possível aprofundamento das democracias, têm se tornado instrumentos de propagação de discursos de ódio e notícias falsas e que este é um problema cada vez maior em países do Hemisfério Sul, como o Brasil.